



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E  
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**MARIA TELMA PEDRO PEREIRA**

**PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: OS SABERES  
CULTURAIS NA PRODUÇÃO DA GOMA SECA DA COMUNIDADE DO  
PLANALTO DO RETIRO/RN: UMA INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**MARIA TELMA PEDRO PEREIRA**

**PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: OS SABERES  
CULTURAIS NA PRODUÇÃO DA GOMA SECA DA COMUNIDADE DO  
PLANALTO DO RETIRO/RN: UMA INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio do Instituto de Educação a Distância, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção da certificação de especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Maria Araújo Bertini.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**MARIA TELMA PEDRO PEREIRA**

**PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: OS SABERES  
CULTURAIS NA PRODUÇÃO DA GOMA SECA DA COMUNIDADE DO  
PLANALTO DO RETIRO/RN: UMA INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), para a obtenção da certificação de Especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Aprovado em: 14/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Maria Araújo Bertini (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Costa Santos (Examinadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Sílvia Heleny Gomes da Silva (Examinadora)**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
1.1	CONHECENDO O ASSENTAMENTO PLANALTO DO RETIRO	7
1.2	INTERESSE PELOS COMPONENTES CURRICULARES DA MATEMÁTICA E HISTÓRIA	9
<b>2</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>11</b>
2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>11</b>
3.1	EDUCAÇÃO CULTURAL	11
3.2	INTERDISCIPLINARIDADE	14
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>17</b>
4.1	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	18
<b>5</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>19</b>
	Referências	21

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentado a seguir, tem como objetivo expor um projeto de intervenção que será desenvolvido na escola da comunidade rural do Planalto do Retiro/RN, que é intitulada “Escola Municipal Planalto do Retiro”, com uma turma multisseriada da modalidade fundamental I dos anos iniciais 3º e 4º anos, essa proposta tem como foco ser interdisciplinar nos componentes curriculares de matemática e história.

Meu interesse de realizar esse projeto, nessa comunidade parte da minha ligação com a mesma, pois eu e meus pais moramos nesse assentamento. Antes de vir morar aqui, nós morávamos numa pequena casa no quintal da minha avó na comunidade vizinha, lá era bom, morar perto da minha avó, meu avô e tia/os, foram tempos maravilhosos, entretanto, vir morar no assentamento do Planalto do Retiro proporcionou aos meus pais a possibilidade de ter um lugarzinho para nós, plantar nossas comidas e ter nosso pedacinho de terra. A chegada ao assentamento me comoveu bastante, pois, pude sentir a felicidade dos meus pais por terem conseguido realizar o sonho de ter um espaço onde possam cultivar alimentos para o sustento da família.

Já a minha relação com o tema pesquisado surgiu após uma reflexão feita ao retornar para minha comunidade, justamente, no período da farinhada, e essa minha retornada se deu para fazer uma pesquisa para o projeto titulado “Artefatos e Mentefatos da Comunidade quilombola do Monte Recôncavo em sala de aula: Uma Intervenção etnomatemática com base na cartografia cultural”, no qual fui bolsista, notei o quanto o processo da farinhada está presente na vida das crianças da comunidade, do mesmo jeito que esteve no meu período de infância.

Lembro muito bem, como esse momento de farinhada era de felicidade, onde ocorriam encontros familiares, cresci vendo minha avó, mãe, tias, avô, tios, nessa atividade cultural, a mesa farta de várias comidas culturais, como peixe assado, cuscuz com ovo, tapioca de goma seca, mas a comida que esperava mesmo era o beiju de forno, uma comida muito boa e tradicional do período da farinhada. Tenho lembranças maravilhosas do tempo que era criança, e ia para “casa de farinha”, raspar a mandioca, brincar na carroça, fazer boneco de goma e assar no forno, entre outras brincadeiras, era meu passatempo junto com as/os primas/os e amigos.

Esses mesmos momentos bons, de comidas, encontro familiar e brincadeiras foram aspectos que pude notar nas vidas das crianças do assentamento quando estava desenvolvendo o projeto, fiquei tão feliz de ver as crianças brincando de fazer boneco de goma e assar no forno, brincando na carroça, isso foi tão rico para mim, pois pude ver que essas crianças ainda tinham infantil, além de vida no mundo virtual, e mais do que isso, com uma tradição viva, que foi passada de uma geração para outra geração.

Outro interesse que também tenho em pesquisa a temática, é pelo fato da escola estar inserida na comunidade rural, logo a escola deverá ter como base a educação do Campo, diante disso, sua base educacional deve contemplar os saberes locais como ferramenta de ensino e aprendizagem, para os educandos se sentirem parte desse processo.

Em seu artigo 28, a LDB estabelece as seguintes normas para as escolas que estão inserida no Campo:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologia apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Quanto ao papel e a importância desse trabalho para a comunidade, preconiza-se que, esse trabalho trará reconhecimento e valorização a essa prática cultural, como uma ferramenta para educação da escola local, dando diversidade a conteúdos escolares, visibilidade e respeito aos saberes locais e os/as trabalhadores/as do campo.

Partindo disso, surgiu essa enorme vontade de trabalhar com esses saberes culturais produzidos na produção da goma seca, no ambiente escolar da escola do assentamento do Planalto do Retiro, trazendo para esse espaço de aprendizagem a cultura local como forma de ensino das disciplinas escolares.

## 1.1 CONHECENDO O ASSENTAMENTO PLANALTO DO RETIRO

O Planalto do Retiro é um assentamento que está localizado na zona rural do Município de Touros, a cerca de 110 km da capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal. O assentamento se encontra numa antiga fazenda chamada Planaltina que fica no território do Mato Grande. A economia e sobrevivência da comunidade é sustentada pelo plantio e comercialização de diversos produtos agrícolas, tais como, derivados da mandioca, batata doce, abacaxi.

O plantio da mandioca é uma das atividades mais antiga praticada pelos agricultores do assentamento, de acordo com as conversas iniciais que tivemos com os moradores mais antigos da comunidade, os mesmos ressaltaram a importância que o plantio da mandioca desempenhou para os assentados durante o período inicial da ocupação. Paralelo a isso, sabe-se que o cultivo da mandioca é uma atividade agrícola antiga e presente na cultura brasileira, principalmente, na região do Norte e Nordeste, alguns estudos mostram que a prática de cultivar a raiz é uma herança dos povos indígenas.

A mandioca é uma raiz, conhecida cientificamente como *Manihot esculenta* Crantz (Otsubo et al, 2002) é uma planta arbustiva pertencente à família das euforbiáceas, sendo uma das poucas espécies do gênero *Manihot* que é comestível ao homem e animais. Ela é um dos alimentos mais apreciados pelos brasileiros, sobretudo, em se tratando das regiões norte e nordeste do país. Pois da raiz são extraídos diversos subprodutos como, farinha de mandioca, goma seca, goma verde, entre outros. Nesse processo de retirar os subprodutos da mandioca é chamada de farinhada, esse ritual é presente na comunidade desde a sua existência.

A farinhada é uma tradição que acontece todo ano na comunidade do Planalto do Retiro, nesse processo as/os agricultoras/os da comunidade e os parentes do dono da farinhada se reúnem para extrair os subprodutos da mandioca, essa prática começa por volta do mês de julho de cada ano, e muitas vezes só acaba em janeiro, depende de quantas famílias vão fazer a farinhada e quanta arranca<sup>1</sup> vão ser colocados por cada família na “casa de farinha”. A farinhada é cultural na região, apesar da comunidade ser recente, no entanto, essa prática foi herdada dos pais da maioria dos moradores da comunidade.

---

<sup>1</sup> Três carroças cheia de mandioca.

Vale trazer também para esse projeto a questão do alimento cultural do assentamento, que é feito com a goma seca, a tapioca de goma seca, um alimento muito consumido pelas famílias da comunidade. A tapioca é mais consumida no café da manhã e no jantar, no entanto, algumas pessoas comem no horário do almoço. A tapioca de goma seca é um alimento que faz parte da identidade territorial das pessoas do assentamento, pois um dos objetivos da realização da farinhada na comunidade é a questão dos alimentos que os derivados da raiz garante de um ano para o outro. Sendo assim, a farinhada, além de trazer os saberes culturais, a interculturalidade e interdisciplinares no seu processo, também tem a questão do alimento cultural.

Nessa prática ritual é observado as diversidades interculturais de saberes, e os mesmos estão entrelaçados com os conteúdos escolares. Além disso, esse projeto de intervenção tem como intuito trabalhar com os saberes culturais existentes na produção da goma seca, como uma ferramenta de ensino-aprendizagem interdisciplinar e intercultural na escola local.

A interdisciplinaridade é um campo que vem ganhando espaço no ambiente escolar, como uma corrente forte de uma educação viva e entrelaçadas dos conhecimentos diversos, onde os mesmos dialogam um com o outro.

Fortunato & Confortin (2013), aponta.

Sem a pretensão de uma longa discussão sobre o conceito, interdisciplinaridade é entendida aqui como uma perspectiva de trabalho pedagógico que promove o diálogo de saberes, a conversa entre as diversas áreas do conhecimento e seus conteúdos, o entrelaçamento entre os diversos fios que tecem o currículo escolar, de modo a fortalecer, qualificar e contextualizar o processo de aprendizagem dos discentes em seus respectivos níveis de ensino. (FORTUNATO & CONFORTIN, 2013, p. 77).

Nesse sentido, a interdisciplinaridade tem como base dialogar entre as diversas áreas de conhecimentos escolares. Partindo disso, esse projeto tem como objetivo utilizar a interdisciplinaridade educacional para caminhar entre os componentes curriculares matemática e história na escola da comunidade do Planalto do Retiro, e trazer os saberes culturais da produção da goma seca como uma forma de ensino para os educandos locais.

## 1.2 INTERESSE PELOS COMPONENTES CURRICULARES DA MATEMÁTICA E HISTÓRIA

Meu interesse em pesquisar os saberes culturais na produção da goma seca, como uma intervenção interdisciplinar das disciplinas matemática e história, surgiu após conhecer o Programa da Etnomatemática, na perspectiva do pesquisador e professor Ubiratan D'Ambrosio. O mesmo conceitualizou o Programa da Etnomatemática ao longo dos seus trabalhos nos respectivos anos (1998), (2005), (2008), (2011), entre outros, com a seguinte base, “é um conjunto de artes, técnicas e habilidades matemática desenvolvidas por diferentes grupos sociais, ao longo da história da humanidade nos seus ambiente social, cultural e natural. (D'Ambrósio, 2008)”.

D'Ambrosio, destaca que o programa etnomatemática tem seis dimensões, a saber: Conceitual, histórica, cognitiva, epistemológica, política e educacional. Diante disso, cabe frisar que o desenvolvimento deste trabalho parte de uma dimensão educacional, utilizando o programa etnomatemática D'Ambrosiana como uma prática pedagógica , assim como outras investigações desenvolvidas a partir dessa dimensão educacional da etnomatemática.

A etnomatemática D'Ambrosiana vem ganhando espaço no campo da educação brasileira com diversos autores como: Damasceno (2005), Santos (2008), Justi & Bennemann (2016) e Oliveira (2017), entre outros, os quais utilizaram o programa da etnomatemática para realizarem suas pesquisas educacionais como propostas pedagógicas, atravessando muros em diversas culturas, muros como os que prospecto atravessar pesquisando as práticas tradicionais da produção da goma seca do assentamento do Planalto do Retiro- RN.

A etnomatemática tem o perfil de ser um grande contributo desta pesquisa uma vez que é um programa criado com objetivo de reconhecer que todos os grupos sociais reproduzem saberes e fazeres nas suas atividades cotidianas, e que esses conhecimentos devem ser respeitados e implementados nos espaços escolares como uma prática educativa de ensino para os alunos desse contexto.

Diante dessa definição, que meu interesse surgiu em pesquisa os saberes culturais da produção da goma seca e utilizá-los na disciplina escolar da matemática no espaço escolar local, pois, o ato da produção de goma seca, é uma prática que

tem técnicas, classificações, contagem matemática cultural da/os rurais, e esses saberes foram herdada ao longo da humanidade de uma geração para outra.

Já meu interesse em trabalhar com o componente da história, surgiu pelo meu desejo da implementação da Lei 11.645/08, no qual tem como obrigatoriedade as temáticas “História e Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígenas”, nos espaços escolares.

É possível notar, que as questões indígenas no ambiente escolar da comunidade do Planalto do Retiro, é visto como algo que não faz parte da realidade deles, e que os povos indígenas também é tratado como pessoas que só existiu no período da colonização, no entanto, sabemos que não é bem assim, e para descolonizar essa ideia que, penso em trabalhar com o ensino da história, tendo em vista, que o ensino da História tem um papel relevante no âmbito educacional, pois a mesma traz/ relata/conta (re) conta, fatos históricos que aconteceu na história de um país.

Acredito também que uma das dificuldades na implementação da Lei 11.645/08 de forma positiva, no ambiente escolar, é a falta da formação continuada que os profissionais da área não tiveram e não até os dias atuais, com isso, criar essa dificuldade da implementar dessa lei “ Há, então, a necessidade de (re) orientar as práticas pedagógicas, não só no tocante ao atendimento à legislação educacional em vigor, mas em conceber um ensino que propicie a desconstrução de estereótipos e pré-conceitos construídos e perpetuados no imaginário popular em relação, principalmente, a negros e indígenas” Rabesco ( s/n, p.47). A ausência de uma formação continuada, materiais adequando e estratégias para abordar as questões indígenas contribui para reprodução de estereótipos e discriminação da população indígenas nesse espaço de conhecimento, que é o ambiente educacional.

De acordo com Lima (2006) apud Rabesco.

Segundo Lima, historicamente a forma de pensar o currículo no Brasil sempre revelou a trajetória de legitimação de uma educação monocultural, que ignora as matrizes culturais dos povos africanos e indígenas, cumprindo o papel da desvalorização e reprodução negativa dos seus repertórios culturais (LIMA, 2006, p. 39, Apud, RABESCO,S/N).

Sendo assim, ao trabalhar-se com os povos indígenas, como pessoas que influenciaram na cultura brasileira de forma positiva, vamos resgatar uma parte da história que não foi contada de forma correta, ou até mesmo foi ocultada de forma

proposital. Pois, é sabido que, o cultivo da mandioca é uma prática cultural que as agricultoras e os agricultores herdaram dos povos indígenas, Como destaca Guimarães (2016) que o cultivo da raiz é uma atividade agrícola dos indígenas, no entanto, esse fato, como outros da história brasileira não são encontrados nos contextos escolares.

Acerca disso, penso nesses saberes culturais da produção da goma seca como uma proposta educativa interdisciplinar para escola da comunidade do Planalto do Retiro, vamos trabalhar com os saberes históricos e matemáticos existentes nessa produção da goma seca.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Analisar os saberes culturais construídos pelos forneiros na produção da goma seca do Planalto do Retiro-RN e relacionar com alguns conteúdos matemáticos e a história escolar no Ensino Fundamental.

### **2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar os saberes culturais da produção da goma seca;
- Mapear alguns conteúdos matemáticos escolares existentes no processo da produção da goma seca;
- Mapear alguns conteúdos da história escolar existente no processo da produção da goma seca;
- Relacionar os saberes culturais da produção da goma seca com os conteúdos da matemática e história escolar “tradicional”.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **3.1 EDUCAÇÃO CULTURAL**

Esse trabalho parte de um viés educacional intercultural, portanto, cabe salientar que a educação não ocorre apenas em espaço formal como, escola e

instituição normalizada, mas também, em todos os espaços que podem acontecer, aprendizagem e trocas de saberes, como por exemplo, em casa, praça, aldeia, roçado, rua, etc. Como nota Nilma Gomes (2002, p. 170) quando afirma que a educação “(...) é um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nas ações coletivas, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, na escola, entre outros”, e todos esses espaços educacionais, que foram apontados, também podemos relacionar como contexto educacional intercultural.

Almeida e Moreira (s/n, p. 2) trazem sobre a educação intercultural a seguinte afirmação.

A perspectiva intercultural pretende construir uma educação capaz de compreender a complexidade das interações humanas, superar preconceitos e exclusão sociocultural e criar condições para que haja crescimento de todos os indivíduos e seus respectivos grupos, promovendo mudanças profundas na educação: currículo, metodologias, técnicas, instrumentos pedagógicos, formação de professores/as, quadros administrativos. (ALMEIDA E MOREIRA s/n, p. 2).

Por saber disso, que a pesquisa realizada, tem como intuito de trazer a educação que acontece nos grupos sociais, por meio das suas práticas de socialização do saber e do seu dia-dia, que pode ser especificada como uma educação cultural. Essa educação muitas vezes é reconhecida apenas como atividade cultural local, que é realizada como um meio de sustento pelos moradores.

Brandão (1981) destaca que a educação cultural socializada entre os atores sociais é um fruto de um ensinamento e aprendizagem por meio dos próprios.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 1981, pg. 10-11).

Então, a educação é um processo existente na humanidade desde a existência do ser humano, pois, o homem por si só produz educação nas suas práticas para sua sobrevivência e na sua socialização com a comunidade.

Reconhecer as educações culturais/interculturalidade existentes nos distintos grupos sociais é, em primeiro lugar, respeitar e valorizar a etno-educação de cada grupo e suas especificidades e dar voz aos próprios. Segundo ponto, é dar caminho para uma desconstrução educacional formal, trazendo outros tipos de saberes para esses contextos de ensino e melhorar a aprendizagem dos educandos, pois, quando descolonizamos os saberes nesses espaços, estamos dando margens para melhorar o ensino- aprendizagem dos alunos, tendo em vista, que vamos trazer outros tipos de saberes, e que muitas vezes são conhecimentos que fazem parte da vida desses alunos.

Cabe destacar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiro recomendam:

(...) a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. [...] A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças - não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto ser fator de enriquecimento. (BRASIL, 1997, p.96-97).

A interculturalidade no espaço escolar, sem dúvida, é um caminho de desconstrução de saberes, múltiplos currículos e um ato de democracia social, tendo em vista, que na sociedade existentes as diversidades culturas, crenças, políticas, entre outros aspectos que compõem determinados grupos sociais, e esses aspectos deve ser reconhecido e inserido no ambiente escolar, como uma forma de educação e nova forma enriquecedora de ensino e de relações sócias do diversos grupos, “uma educação intercultural, afirmam, poderia opor-se à marginalização cultural e impedir que as diferenças se tornem indiferença; modelos e padrões se sobreponham à diversidade de saberes; o homogêneo abafe o heterogêneo” Almeida e Moreira (s/n, p. 2) .

Lopez-Hurtado Quiroz em 2007 apud CANDAU ( 2012) frisa.

(...) A interculturalidade supõe agora também abertura diante das diferenças étnicas, culturais e linguísticas, aceitação positiva da diversidade, respeito

mútuo, busca de consenso e, ao mesmo tempo, reconhecimento e aceitação do dissenso, e na atualidade, construção de novos modos de relação social e maior democracia. (Lopez-Hurtado Quiroz, 2007, p.22).

Diante da breve exposição sobre a educação cultural/ intercultural que os grupos sociais realizam e sua importância do ambiente escolar formal, é que esse estudo tem a necessidade de pesquisar a educação cultural existente por trás da produção artesanal da goma seca do assentamento do Planalto do Retiro, e implementá-la no contexto escolar, por meio desse projeto de intervenção.

### 3.2 INTERDISCIPLINARIDADE

D'Ambrósio (2005).

Metaforicamente, as disciplinas funcionam como os canais de televisão ou os programas de processamento em computadores. É necessário sair de um canal ou fechar um aplicativo para poder abrir outro. Isso é a multidisciplinaridade. Mas uma grande inovação é poder trabalhar com vários canais ou aplicativos simultaneamente, criando novas possibilidades de criação e utilização de recursos. A interdisciplinaridade corresponde a isso. Não só justapõe resultados, mas mescla métodos e, conseqüentemente, identifica novos objetos de estudo. (D'AMBRÓSIO, 2005, p. 104).

Partindo desse posicionamento da interdisciplinaridade que esse projeto vai ser desenvolvido, pois a interdisciplinaridade tem como foco trabalhar um determinado conteúdo em diversas disciplinas escolares, mostrando que é possível todos caminhar junto com o mesmo propósito, que é a aprendizagem do educando. Sendo assim, vamos desenvolver esse projeto na interdisciplinaridade das disciplinas matemática e história em específico.

Puhl; Filho; Froehlich; Lara & Rosa (2020) destacam que a interdisciplinaridade é um caminho para uma proposta pedagógica para o desenvolvimento da aprendizagem da/os aluna/os.

Uma alternativa pedagógica, conforme D'Ambrosio (1997), Lück (2002), Fazenda (2011) e Lara (2017), para romper com o ensino descontextualizado é promover propostas didáticas interdisciplinares, nas quais o estudante possa investigar e compreender um problema presente na sociedade. Desse modo, o estudante torna-se protagonista no processo de aprendizagem e o professor promove a contextualização dos conteúdos escolares, superando a fragmentação, e melhorar a qualidade da educação (Vasconcellos, 2008; Fazenda, 2009; Paula; Harres, 2016).

Acerca disso, quero pesquisar os saberes culturais da produção da goma seca, como um ensino da matemática e história no espaço escolar, trazendo os conhecimentos culturais dos agricultores e os conhecimentos breves que os alunos adquirem no seu contexto não escolar, pois é sabido que os alunos adquirem diversos conhecimentos das diversas disciplinas escolares, como da matemática, português, arte, geografia, entre outras, antes mesmo de chegar à escola, e é importantíssimo utilizar esses conhecimentos breves dos alunos na sua aprendizagem escolar, como foi sugerido acima que os conteúdos escolares devem está entrelaçado com situações ou problema do cotidiano da/os aluna/os.

D'Ambrósio (1989) destaca a importância de trabalhar com esses breves conhecimentos dos alunos com a proposta de seu programa da etnomatemática “a proposta de trabalho numa linha de etnomatemática propõe uma maior valorização dos conceitos matemáticos informais construídos pela/os aluna/os fora do contexto da escola, que seriam usados como pontos de partida para o ensino formal”.

Sob o mesmo ponto de vista Campos & Barcello frisa sobre a matemática vivenciada pelos alunos, “na escola, ele vai ampliar suas experiências matemáticas através da estimulação do professor e de seus pares e aprender que existe uma linguagem para representar as situações que já vivencia socialmente”. Sendo assim, podemos afirmar, que os conhecimentos que os alunos adquirem fora do contexto escolar são de extrema relevância para sua aprendizagem no contexto escolar, pois os mesmos são entrelaçados com conteúdos escolares e assim, os educandos podem se enxergar nesse processo.

Os saberes culturais da produção da goma seca, como um ensino da história no ambiente escolar, a partir de uma perspectiva de trabalhar a cultura e história dos povos indígenas e suas influências na formação da história do Brasil, tendo em vista que o cultivo da mandioca é uma herança herdada dos povos tradicionais indígenas.

Guimarães (2016), aponta que o cultivo da mandioca é uma prática realizada pelas famílias indígena ao longo da sua existência na humanidade.

Entre as características consideradas mais importantes em relação à cultura da mandioca no Brasil, destacam-se a sua longa história de domesticação e a sustentabilidade do seu cultivo, levando em conta a manutenção por parte dos agricultores e agricultoras, sobretudo na agricultura familiar, de princípios básicos que estão presentes na agricultura tradicional de povos indígenas, como a policultura e a rotatividade de solos. (GUIMARÃES, 2016, P. 2).

Ao trabalhar com a questão da história do cultivo da mandioca no Brasil, vamos resgatar uma parte da história da contribuição da cultura alimentar dos povos indígenas para o nosso território, e mostra para os alunos o quanto os povos tradicionais foram e continuam sendo parte importante para nossa formação, seja cultural, histórica, política e econômica.

E para ensinar aos educandos sobre essa contribuição, o ensino da história é um caminho ideal, pois a história ocupa um relevante lugar no currículo escolar, por que, por meio dela estudamos os movimentos sociais, as lutas, as contradições da história de uma nação, entre outros que aconteceu ao longo da construção da história .

Fonseca 2010 destaca como a história tem seu mérito no currículo escolar.

A História ocupa um lugar estratégico na “partitura” do currículo da Educação básica, pois como conhecimento e prática social, pressupõe movimento, contradição, um processo de permanente re/construção, um campo de lutas. Um currículo de História é sempre processo e produto de concepções, visões, interpretações, escolhas de alguém ou de algum grupo em determinados lugares, tempos, circunstâncias.

Assim como frisou Fonseca 2010, devemos destacar que o campo da história compõe um espaço de amplas intenções e interpretações, pois não é somente um conjunto de informações, e sim um conjunto de informações que podem determinar concepções, interpretações, visões sobre o outro. E essas interpretações e visões podem ser inferiorizado e discriminado um determinado povo.

Acerca disso, podemos destacar que os povos tradicionais indígenas foram vítimas das más interpretações e visões discriminatórias, tanto que foi preciso criar a Lei 11.645 em 2008, para pode ser (re)contada a história dos povos indígenas brasileiro, a mesma provocou mudanças no setor da educação nacional, nos Parâmetros curriculares passaram a configurar novas intenções no ensino de história, com a Lei Federal nº 11.645 alterou a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Lei (2008)

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Assim, percebemos que as questões indígenas passam a integrar a realidade educacional de forma obrigatória, com o objetivo que se obtenha mais estudos de conteúdos referentes a tais realidades de forma positiva, mostrando as influências e as contribuições dos povos indígenas para formação das terras brasileiras. Acerca dessas informações que esse projeto pretende contribuir para os estudos dos povos indígenas no ensino da história, por meio da história da mandioca.

#### **4 METODOLOGIA**

Já no procedimento metodológico pensamos em utilizar a abordagem qualitativa (Minayo (2001), de cunho narrativa sociocultural (BOLZAN, 2001, 2002), a mais apropriada para nossa investigação, tendo em vista, aos nossos objetivos, assim como o nosso público alvo e a dimensão sociocultural dos saberes nas atividades agrícolas empreendida pelo público em questão. A coleta de dados acontecerá por meio de uma entrevista semiestruturada com dois fornecedores.

Depois dessa coleta de dados e informações, vou dividir o meu trabalho em três momentos: primeiro momento fazer análise dos saberes culturais coletados e em seguida fazer a relação com os conteúdos da matemática e da história. Segundo momento entrar em contato com a direção da escola para marcar uma reunião, com a coordenação pedagógica e a/o professora/o para um diálogo/apresentar a proposta da ação pedagógica, terceiro momento sentar/dialogar/elaborar plano de aula com a/o professora/o com os materiais analisados.

## 4.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Ação ocorrerá em quatro etapas. Sendo que na primeira etapa acontecerá em dois momentos. Na segunda etapa em cinco momentos. Na terceira etapa em cinco momentos e quarta e última etapa em um único momento.

### **1° etapa**

- Primeiro momento uma conversa informal com os forneiros;
- Segundo momento uma conversa formal com os forneiros no seu local de trabalho e em seguida a aplicação do questionário.

### **2° etapa**

- Primeiro momento fazer análise dos saberes culturais coletados;
- Segundo momento contextualização dos saberes culturais com os conteúdos da matemática e da história escolar;
- Terceiro momento entrar em contato com a direção da escola para marcar uma reunião para apresentar o projeto;
- Apresentação do projeto para a coordenação pedagógica e os professor/a;
- Quinto momento elabora plano de aula com o/a professor/a com os materiais coletados e analisados.

### **3° Etapa**

- Apresentação do projeto para as/os aluna/os e os conteúdos que serão trabalhados;
- Aplicação dos conteúdos;
- Aplicação dos conteúdos;
- Aplicação dos conteúdos;
- Proposta de atividade e realização da mesma.

### **4° Etapa**

- Elaboração do relatório.

## 5 CRONOGRAMA

Ações/Etapa	2022			
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
1° Etapa	X			
	X			
2° Etapa	X	X		
	X	X		
		X	X	
3° Etapa		X	X	
4° Etapa				X

## 6 CONSIDERAÇÕES

Esse projeto de intervenção vai ser um grande divisor de águas (conhecimentos) para comunidade do Planalto do Retiro, pois os moradores vão se enxergar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da comunidade, e vão saber que seus conhecimentos na prática da produção da goma seca, além de ser útil para produz o esse alimento, também será utilizado como ferramenta de aprendizagem.

No que tange à escola, esta iria ganhar bastante, pois, além de trazer os conhecimentos cultural local, com isso irá trabalhar na construção da identidade e territorialidade das crianças na comunidade, como também trabalhar com a interdisciplinaridade com dois componentes curriculares tão distintos não visão de alguns profissionais da educação, como também trocar em pontos que foi de suma importância para formação da construção da nossa nação, como a influência dos povos tradicionais para a história do Brasil.

Sei que a implementação desse projeto enfrentar muito desafios no campo educação, como por exemplo, a questão da interdisciplinaridade, que ainda é muito recente no espaço escolar, e por muitas vezes alguns docentes têm receio para implementação de desse tipo de ferramenta de ensino. Outro desafio que podemos encontrar no caminho, será a dificuldade que alguns profissionais educacionais têm

de enxergar os saberes etno-educacionais que os diversos grupos rurais, quilombolas, artesão, etc, produzem no seu dia-dia por meio das suas atividades, e os mesmo devem estar no ambiente escolar.

No entanto, estamos preparados para enfrentar essas dificuldades que talvez seja posto para nós nessa realização desse projeto de intervenção na comunidade Planalto do Retiro, em particular na Escola Municipal Planalto do Retiro/RN, pois esse projeto veio para entrelaçar os conhecimentos cultural da comunidade com os conhecimentos a escolar de forma positiva.

## Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro & MOREIRA, Marta Candido. **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: UMA EXPERIÊNCIA EM ASSENTAMENTO RURAL**. GT: Formação de Professores / n.08.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **As Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Lei 11.645 de 10 de março de 2008.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em 05/02/2014.

CAMPOS, Karen & BARCELLOS, Jessica. **Do Português para O “Matematiquês”: Uma Proposta Interdisciplinar**.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo. Ano 1998.

D’AMBRÓSIO, U. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr.2005.

DAMASCENO. A. V. C. **A Cultura da Produção da Farinha: Um Estudo da Matemática nos Saberes Dessa Tradição**. Dissertação do Pró-graduação em Educação-UFRN. 2005.

DAMASCENO. Alexandre. V. C. **A Cultura da Produção da Farinha: Um Estudo da Matemática nos Saberes Dessa Tradição**. Dissertação do Pró-graduação em Educação-UFRN. 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **“A história na educação básica: conteúdos, abordagens e metodologias”**. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

FORTUNATO, Raquel Paula & CONFORTIN, Renata. **Interdisciplinaridade nas Escolas de educação básica: Da retórica à efetiva Ação pedagógica**. Revista de Educação do Cogeime – Ano 22 – n. 43 – julho/dezembro 2013.

GOMES, N. L. **Educação e Identidade Negra**. Belo Horizonte. UFMG. 2002.  
Guimarães, Francisco Alfredo Moraes. A cultura da Mandioca no Brasil e no Mundo: Um Caso de Roubo da História dos Povos Indígenas. VIII Encontro Nacional de História. Feira de Santana. 2016.

Lei 11.645/08: História e Cultura Indígena. Revista Temporis [ação], v.18, n.1, jan./jun. 2018, ano 21. Disponível em: <https://www.revista.ueq.br/index.php/temporisacao/article/view/6658/5491>.

PUHL, Cassiano Scott & FILHO, Luiz Alberto Lorenzi & FROEHLICH, Juliana Lopes & LARA, Isabel Cristina Machado de & ROSA, Marcelo Amaral.

**Interdisciplinaridade: experiência com os estudantes de ensino médio sobre sustentabilidade.** Revista, Experiências em Ensino de Ciências V.15, No.3. 2020.

RABESCO, Rafael. **O ensino de história e cultura indígena na escola: os desafios da formação e da prática educativa através da musicalização.** S/N.